

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

SETEMBRO DE 1859

Nº 9

Processo para Afastar os Espíritos Maus

A ingerência dos Espíritos enganadores nas comunicações escritas é uma das maiores dificuldades do Espiritismo. Sabe-se, por experiência, que eles não têm nenhum escrúpulo de tomar nomes supostos e até mesmo respeitáveis. Haverá meios de os afastar? Eis a questão. Com essa finalidade, certas pessoas empregam aquilo que se poderia chamar *processos*, isto é, fórmulas particulares de evocação, ou espécies de exorcismos, por exemplo, fazê-los jurar em nome de Deus que dizem a verdade, fazê-los escrever certas coisas, etc. Conhecemos alguém que, a cada frase, obriga o Espírito a assinar o nome; se este é o verdadeiro, escreve-o sem dificuldade; se não o é, pára de repente, sem poder concluí-lo. Vimos essa pessoa receber as comunicações mais ridículas de Espíritos que assinavam um nome falso com notável ousadia. Pensam outras criaturas que um meio eficaz é fazê-los confessar Jesus em carne, ou outras verdades da religião. Pois bem! Declaramos que se alguns Espíritos um pouco mais escrupulosos se detêm ante a idéia de perjúrio ou de uma profanação, há os que juram tudo o que quisermos, assinam todos os nomes, riem-se de tudo e afrontam a presença das mais veneradas figuras, de onde se conclui que, entre o que se pode

chamar *processos*, não existe nenhuma fórmula, nenhum expediente material que possa funcionar como preservativo eficaz.

Dir-se-á, neste caso, que nada há a fazer, senão deixar de escrever. Este meio não seria melhor. Longe disso, em muitos casos seria pior. Já dissemos – e nunca seria demais repetir – que a ação dos Espíritos sobre nós é incessante e, por ser oculta, não deixa de ser menos real. Se ela deve ser má, será ainda mais perniciosa, pela própria razão de o inimigo encontrar-se escondido. Através das comunicações escritas ele se revela e se desmascara. Assim, sabemos com quem lidamos e podemos combatê-lo. Mas, se não há nenhum meio de o afastar, que fazer então? Não dissemos que não haja nenhum meio, mas apenas que a maioria dos que empregamos são ineficazes. Esta a tese que nos propomos desenvolver.

É preciso não perder de vista que os Espíritos constituem todo um mundo, toda uma população que enche o espaço, circula ao nosso lado, mistura-se a tudo quanto fazemos. Se o véu que no-los oculta viesse a ser levantado, nós os veríamos à nossa volta, indo e vindo, seguindo-nos ou nos evitando, conforme o grau de simpatia; uns indiferentes, verdadeiros desocupados do mundo oculto, outros muito ocupados, quer consigo mesmos, quer com os homens aos quais se ligam, com um propósito mais ou menos louvável, segundo as qualidades que os distinguem. Numa palavra, veríamos uma cópia perfeita do gênero humano, com suas boas e más qualidades, com suas virtudes e vícios. Esse envolvimento, ao qual não podemos escapar, já que não há recantos por demais ocultos que sejam inacessíveis aos Espíritos, exerce sobre nós e à nossa revelia, uma influência permanente. Uns nos impelem ao bem, outros ao mal; muitas vezes as nossas determinações resultam de suas sugestões; felizes daqueles que têm juízo suficiente para discernir o bom ou o mau caminho por onde nos procuram arrastar. Considerando-se que os Espíritos nada mais são que os próprios homens despojados de sua

indumentária grosseira, ou almas que sobrevivem aos corpos, segue-se que há Espíritos desde que há seres humanos no Universo. São uma das potências da Natureza, e não esperam que haja médiuns escreventes para agir; a prova disso é que, em todos os tempos, os homens não cometeram incoerências. Eis por que dizemos que sua influência é independente da faculdade de escrever; essa faculdade é um meio de conhecer tal influência, de saber quais são os que nos rodeiam e quais aqueles que se ligam a nós. Pensar que nos podemos subtrair a essa influência, abstendos-nos de escrever, é agir como crianças que acreditam escapar a um perigo pelo simples tapar dos olhos. Ao revelar aqueles que temos por camaradas, como amigos ou inimigos, por isso mesmo a escrita nos proporciona uma arma para combater estes últimos, pelo que devemos agradecer a Deus. Na ausência da visão para reconhecer os Espíritos, temos as comunicações espíritas, por onde eles se revelam tais quais são; *isso é, para nós, um sentido* que nos permite julgá-los. Repeli-lo é comprazer-se em ficar cego e exposto ao engano sem controle.

A ingerência dos Espíritos maus nas comunicações escritas não constitui, pois, um perigo ao Espiritismo, porque, se perigo há, continuará havendo e em caráter permanente. Nunca estaríamos bastante persuadidos desta verdade; trata-se apenas de uma dificuldade, da qual o Espiritismo triunfará, se a ele nos dedicarmos de maneira conveniente.

Antes de tudo podemos estabelecer como princípio que os Espíritos maus não aparecem senão onde alguma coisa os atrai. Portanto, quando se intrometem nas comunicações, é que encontram simpatias no meio onde se apresentam ou, pelo menos, lados fracos que esperam aproveitar; em todo caso, porque não encontram uma força moral suficiente para os repelir. Entre as causas que os atraem, é preciso colocar em primeira linha as imperfeições morais de qualquer natureza, porque o mal simpatiza sempre com o mal; em segundo lugar, a excessiva confiança com que são acolhidas

suas palavras. Quando uma comunicação revela uma origem má, seria ilógico inferir daí uma paridade necessária entre o Espírito e os evocadores. Frequentemente vemos pessoas muito distintas expostas às patifarias dos Espíritos enganadores, como ocorre no mundo com as pessoas honestas, enganadas pelos espertalhões; mas quando tomamos precauções, estes últimos nada têm a fazer; é o que acontece também com os Espíritos. Quando uma pessoa honesta é enganada por eles, isso pode decorrer de duas causas: a primeira é uma confiança absoluta, que a leva a desistir de todo exame; a segunda é que as melhores qualidades não excluem certos lados fracos que dão guarida aos Espíritos maus, ávidos por se agarrarem às menores falhas da couraça. Não nos referimos ao orgulho e à ambição, que são mais do que entaves, mas a uma certa fraqueza de caráter e, sobretudo, aos preconceitos que esses Espíritos sabem explorar com habilidade, lisonjeando-os; com vistas a isso, eles usam de todas as máscaras, a fim de inspirar mais confiança.

As comunicações francamente grosseiras são as menos perigosas, visto a ninguém poderem enganar. As que mais enganam são as que têm uma falsa aparência de sabedoria ou de seriedade: numa palavra, as dos Espíritos hipócritas e pseudo-sábios. Uns podem enganar-se de boa-fé, por ignorância ou presunção; os outros não agem senão pela astúcia. Vejamos, então, qual o meio de nos desembaraçarmos deles.

A primeira coisa é não os atrair e evitar tudo quanto lhes possa dar acesso.

Como vimos, as disposições morais são uma causa preponderante. Todavia, abstração feita dessa causa, o modo empregado não deixa de ter influência. Há pessoas que têm por princípio jamais fazer evocações e esperar a primeira comunicação espontânea que saia do lápis do médium. Ora, se nos recordarmos do que já dissemos sobre a variada e numerosa população dos Espíritos que nos cercam, compreenderemos sem dificuldade que

isso seria colocar-nos à mercê do primeiro que viesse, bom ou mau. E como nessa multidão há mais Espíritos maus do que bons, existe mais oportunidade para os maus, exatamente como se abrissemos a porta a todos os passantes da rua, ao passo que, pela evocação, fazemos a escolha; ademais, cercando-nos de Espíritos bons, impomos silêncio aos maus que, apesar disso, bem poderão procurar insinuar-se algumas vezes. Os bons chegam mesmo a permiti-lo para exercitar a nossa sagacidade em reconhecê-los, mas não terão nenhuma influência. As comunicações espontâneas têm uma grande utilidade quando estamos cientes da qualidade daqueles que nos cercam. Devemos, então, felicitar-nos pela iniciativa deixada aos Espíritos. O inconveniente não se encontra senão no sistema absoluto, que consiste em nos abstermos do apelo direto e das perguntas.

Entre as causas que influem poderosamente sobre a qualidade dos Espíritos que freqüentam as casas espíritas, não se deve omitir a natureza das coisas que ali são tratadas. Aquelas que se propõem um fim sério e útil atraem, por isso mesmo, os Espíritos sérios; as que somente visam satisfazer a vã curiosidade ou seus interesses pessoais, expõem-se pelo menos a mistificações, quando não a coisas piores. Em resumo, podemos extrair das comunicações espíritas os mais sublimes e os mais úteis ensinamentos, desde que os saibamos dirigir. Toda a questão se resume em não nos deixarmos levar pela astúcia dos Espíritos zombeteiros ou malévolos. Ora, para isso o essencial é saber com quem tratamos. Inicialmente, ouçamos a propósito os conselhos que foram dados pelo Espírito São Luís à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas através do Sr. R..., um de seus bons médiuns. Trata-se de uma comunicação espontânea por ele recebida certo dia, em sua casa, com a missão de transmiti-la à referida Sociedade:

“Por maior que seja a legítima confiança que inspira os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, há uma recomendação que nunca será por demais repetida e que deveis

tê-la sempre presente em vossa mente, quando vos entregardes aos vossos estudos: pesai e amadurecei; submetei ao controle da mais severa razão a totalidade das comunicações que receberdes; não hesiteis, desde que uma resposta vos pareça duvidosa ou obscura, de demandar os esclarecimentos necessários para fixá-la.

“Sabeis que a revelação existiu desde os tempos mais recuados, sempre apropriada ao grau de adiantamento dos que a recebiam. Hoje não se trata de vos falar por imagens e parábolas; deveis receber nossos ensinamentos de uma maneira clara, precisa e sem ambigüidade. Entretanto, seria muito cômodo ter apenas de questionar para ser esclarecido; aliás, isso seria escapar às leis progressivas que presidem à evolução universal. Não vos admireis, pois, se, para vos deixar o mérito da escolha e do trabalho, e também para punir as infrações que possais cometer aos nossos conselhos, algumas vezes é permitido a certos Espíritos, mais ignorantes que mal-intencionados, a responder em certos casos às vossas perguntas. Em vez de ser isso um motivo de desencorajamento, deve ser um poderoso excitante, para que pesquiseis ardentemente a verdade. Ficai, pois, bem convictos de que, seguindo este caminho, não podereis deixar de chegar a resultados felizes. Sede unidos de coração e de intenção; trabalhai *todos*; procurai, procurai sempre e encontrareis.”

Luis

Por pouco tato, raciocínio ou hábito de observação que tenhamos, a linguagem dos Espíritos bons e sérios traz um selo que torna impossível nos enganarmos. Quanto aos Espíritos maus, por mais que cubram as suas torpezas com o véu da hipocrisia, jamais poderão representar indefinidamente o seu papel; acabam deixando cair a máscara. De outro modo, se sua linguagem fosse impoluta, seriam Espíritos bons. A linguagem dos Espíritos é, pois, o verdadeiro critério pelo qual podemos julgá-los. Sendo a linguagem a expressão do pensamento, tem sempre um reflexo das boas ou

más qualidades do indivíduo. Não é também pela linguagem que julgamos os homens que não conhecemos? Se recebermos vinte cartas de vinte pessoas que jamais vimos, não nos deixaremos impressionar de modo diverso pela sua leitura? Não será pelas qualidades do estilo, pela escolha das expressões, pela natureza dos pensamentos, e até por certos detalhes de forma, que reconheceremos, naquele que nos escreve, o homem rústico e o bem-educado, o sábio e o ignorante, o orgulhoso e o modesto? Dá-se absolutamente a mesma coisa com os Espíritos.

Suponhamos que sejam homens que nos escrevem: devemos julgá-los da mesma maneira. Julguemo-los severamente, porquanto os Espíritos bons de modo algum se sentirão ofendidos com essa escrupulosa investigação, porque são eles próprios que no-la recomendam como meio de controle. Sabendo que podemos ser enganados, nosso primeiro sentimento deve ser o de desconfiança. Somente os Espíritos maus, que procuram nos induzir em erro, podem temer o exame, porque, longe de o provocar, querem ser acreditados sob palavra.

Desse princípio resulta muito naturalmente e com bastante lógica o meio mais eficaz de afastar os Espíritos maus e de nos premunirmos contra as suas falsidades. O homem que não é ouvido deixa de falar; aquele que vê os seus estratagemas constantemente descobertos vai causar aborrecimentos em outros lugares; o espertalhão, ciente de que nos mantemos em estado de alerta, não faz tentativas inúteis. Do mesmo modo, os Espíritos enganadores deixam a partida quando percebem que nada podem fazer, ou quando encontram pessoas vigilantes que desprezam tudo quanto lhes pareça suspeito.

Para terminar, resta passar em revista os principais caracteres que revelam a origem das comunicações espíritas.

1. Os Espíritos superiores, como já dissemos em várias ocasiões, têm uma linguagem sempre digna, nobre, elevada, sem

qualquer mistura de trivialidade. Dizem tudo com simplicidade e modéstia, jamais se vangloriam e não fazem ostentação de seu saber nem de sua posição entre os demais. A dos Espíritos inferiores ou vulgares tem sempre algum reflexo das paixões humanas; toda expressão que denota baixaza, suficiência, arrogância, bazófia ou acrimônia é indício característico de inferioridade e de embuste, caso o Espírito se apresente com um nome respeitável e venerado.

2. Os Espíritos bons não dizem senão o que sabem; calam-se ou confessam a sua ignorância sobre aquilo que não sabem. Os maus falam de tudo com segurança, sem se incomodarem com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choca a razão e o bom-senso denuncia fraude, desde que o Espírito se apresente como um ser esclarecido.

3. A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, se não quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo. Os pensamentos são os mesmos, quaisquer que sejam o tempo e o lugar. Podem ser mais ou menos desenvolvidos, conforme as circunstâncias, as necessidades e as facilidades de se comunicarem, mas não são contraditórios. Se duas comunicações, que trazem a mesma assinatura, encontram-se em oposição, uma delas será evidentemente apócrifa, e a verdadeira será aquela onde nada desminta o caráter conhecido do personagem. Quando uma comunicação apresenta o caráter de sublimidade e de elevação, sem nenhum defeito, é porque emana de um Espírito superior, seja qual for o seu nome; se encerrar uma mistura de bom e de mau, procede de um Espírito vulgar, caso se apresente como é; será de um Espírito impostor se ele se ornar de um nome que não pode justificar.

4. Os Espíritos bons jamais dão ordens; não impõem: aconselham e, se não são ouvidos, retiram-se. Os maus são imperiosos: ordenam e querem ser obedecidos. Todo Espírito que impõe trai a sua origem.

5. Os Espíritos bons não adulam. Aprovam quando se faz o bem, mas sempre com reservas; os maus são pródigos em elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade, mesmo pregando a humildade, e procuram *exaltar a importância pessoal* daqueles a quem desejam apanhar.

6. Os Espíritos superiores estão acima das puerilidades formais *em todas as coisas*; para eles o pensamento é tudo, a forma nada vale. Somente os Espíritos vulgares podem ligar importância a certos detalhes incompatíveis com as idéias verdadeiramente elevadas. *Toda prescrição meticulosa* é sinal certo de inferioridade e de embuste da parte de um Espírito que toma um nome imponente.

7. É preciso desconfiar dos nomes estranhos e ridículos tomados por certos Espíritos que se querem impor à credulidade; seria supremo absurdo levar esses nomes a sério.

8. Deve-se igualmente desconfiar daqueles que muito facilmente se apresentam com nomes extremamente venerados, e não aceitar suas palavras senão com a maior reserva. É sobretudo nesses casos que se torna necessário um severo controle, porquanto muitas vezes é uma máscara que utilizam para nos fazer crer em supostas relações íntimas com os Espíritos de elevada hierarquia. Por esse meio lisonjeiam a vaidade, aproveitando freqüentemente para induzir a atitudes lamentáveis ou ridículas.

9. Os Espíritos bons são muito escrupulosos sobre as providências que podem aconselhar; em todos os casos estas têm sempre um objetivo sério e eminentemente útil. Deve-se, pois, olhar como suspeitas todas as que não tiverem esse caráter, refletindo maduramente antes de adotá-las.

10. Os Espíritos bons só prescrevem o bem. Toda máxima, todo conselho que não estiver *estritamente conforme a pura caridade evangélica* não pode ser obra de Espíritos bons; acontece o

mesmo com toda insinuação malévola, tendente a excitar ou a alimentar sentimentos de ódio, de ciúme e de egoísmo.

11. Os Espíritos bons jamais aconselham coisas que não sejam perfeitamente racionais. Toda recomendação que se afaste da *linha reta do bom-senso ou das leis imutáveis da Natureza* denuncia um Espírito limitado e ainda sob a influência dos preconceitos terrestres; conseqüentemente, pouco digno de confiança.

12. Os Espíritos maus, ou simplesmente imperfeitos, ainda se traem por sinais materiais com os quais não nos poderíamos enganar. Sua ação sobre o médium por vezes é violenta, provocando na sua escrita movimentos bruscos e irregulares, uma agitação febril e convulsiva, que contrasta com a calma e a suavidade dos Espíritos bons.

13. Um outro sinal de sua presença é a obsessão. Os Espíritos bons jamais obsidiam. Os maus se impõem em todos os momentos, razão por que todo médium deve desconfiar da necessidade irresistível de escrever que dele se apodera nas ocasiões menos oportunas. Jamais se trata de um Espírito bom, e ele nunca deve ceder.

Entre os Espíritos inferiores que se intrometem nas comunicações, há os que, por assim dizer, se insinuam furtivamente, como para fazer uma brincadeira, mas que se retiram tão facilmente como vieram, e isto na primeira intimação; outros, ao contrário, são tenazes, agarram-se ao indivíduo e não cedem senão a contragosto e com persistência. Apoderam-se dele, subjugam-no e o fascinam a ponto de fazê-lo tomar os mais grosseiros absurdos por coisas admiráveis. Feliz dele quando criaturas de sangue-frio conseguem abrir-lhe os olhos, o que nem sempre é fácil, já que tais Espíritos são mestres em inspirar a desconfiança e o afastamento de quem quer que os possa desmascarar. Daí se segue que devemos ter por suspeito de

inferioridade ou de má intenção todo Espírito que prescreve o isolamento e o afastamento das pessoas que podem dar bons conselhos. O amor-próprio vem em seu auxílio, porque nos é penoso confessar que fomos vítimas de uma mistificação e reconhecer um velhaco naquele sob cujo patrocínio nos sentíamos honrados em nos colocar. Essa ação do Espírito é independente da faculdade de escrever. À falta da escrita, o Espírito malévolos dispõe de cem maneiras diferentes de agir e ludibriar. Para ele a escrita é um meio de persuasão, mas não é uma causa; para o médium, é um meio de esclarecer-se.

Passando todas as comunicações escritas pelo controle das considerações precedentes, reconheceremos facilmente a sua origem e poderemos frustrar a malícia dos Espíritos enganadores, que só se dirigem àqueles que se deixam enganar voluntariamente. Se perceberem que nos dobramos ante as suas palavras, disso tirarão partido, exatamente como fariam os simples mortais. Compete, pois, a nós provar-lhes que perdem o tempo. Acrescentemos que, para isso, a prece é poderoso auxílio; por ela atraímos a assistência de Deus e dos Espíritos bons, aumentando nossa própria força. É conhecido o preceito: “Ajuda-te, e o céu te ajudará.” Por certo Deus quer assistir-nos, contanto que, de nosso lado, façamos aquilo que é necessário.

A esse preceito acrescentamos um exemplo. Um senhor que eu não conhecia veio ver-me certo dia, dizendo que era médium e recebia comunicações de um Espírito *muito elevado*, que o havia encarregado de vir a mim, fazer-me uma revelação a respeito de uma trama que, segundo ele, era urdida contra mim, por parte de inimigos secretos que designou. “Quereis – acrescentou – que eu escreva em vossa presença?” – “Com prazer – respondi – mas de início devo dizer-vos que esses inimigos são menos temerosos do que supondes. Sei que os tenho; quem não os tem? E os mais obstinados em geral são aqueles a quem mais beneficiamos. Tenho consciência de jamais ter feito volun-

tariamente mal a quem quer que seja. O mesmo não poderão dizer aqueles que me fizeram mal e, entre nós, Deus será juiz. Vejamos, no entanto, o conselho que vosso Espírito quer dar-me.” Então esse senhor escreveu o seguinte:

“Ordenei a C... (nome daquele senhor), que é o farol de luz dos Espíritos bons, dos quais recebeu a missão de a espalhar entre seus irmãos, que se dirigisse à casa do Sr. Allan Kardec, o qual deverá crer cegamente no que eu lhe disser, porque pertenço ao número dos eleitos prepostos por Deus para velar a salvação dos homens, e porque lhe venho anunciar a verdade...”

É bastante – disse-lhe eu – não se dê ao trabalho de continuar. Este exórdio é suficiente para mostrar com que espécie de Espírito estais tratando. Acrescentarei apenas uma palavra: para um Espírito que pretende ser astucioso, ele é bem desajeitado.

Esse senhor pareceu bastante escandalizado do pouco caso que eu fazia de seu Espírito, que havia tomado por algum arcanjo ou, pelo menos, por algum santo de primeira classe, vindo expressamente para ele. Disse-lhe eu: Esse Espírito se trai em cada uma das palavras que acaba de escrever e, convenhamos, esconde muito mal o seu jogo. Primeiro ele ordena; quer, portanto, manter-vos sob sua dependência, o que é característico dos Espíritos obsessores; ele vos chama de *farol de luz dos Espíritos bons*, linguagem sofrivelmente enfática e incompreensível, muito distante da simplicidade que caracteriza a dos Espíritos bons; por ela lisonjeia o vosso orgulho e vos exalta a importância, o que é suficiente para torná-lo suspeito. Coloca-se sem a menor cerimônia no rol dos eleitos prepostos de Deus: jactância indigna de um Espírito verdadeiramente superior. Por fim me diz que devo crer *cegamente*; isso coroa a obra. É bem o estilo desses Espíritos mentirosos, que querem que neles acreditemos sob palavra, pois sabem que num exame sério têm tudo a perder. Com um pouco mais de perspicácia saberia que não me deixo convencer por belas

palavras, nem teria sido tão inábil a ponto de prescrever-me uma confiança cega. Daí concluo que sois joguete de um Espírito mistificador que abusa da vossa boa-fé. Exorto-vos seriamente a prestar muita atenção a isso, porque, se não vos acautelardes, podereis ser vítima de um golpe lamentável de sua parte.

Não sei se aquele senhor aproveitou a advertência, pois não mais o vi, nem ao seu Espírito. Eu jamais terminaria se fosse narrar todas as comunicações desse gênero a mim submetidas, por vezes muito seriamente, como emanando dos maiores santos, da Virgem Maria e do próprio Cristo, e seria realmente curioso ver as torpezas debitadas à conta desses nomes venerados. É preciso ser cego para se deixar enganar quanto à sua origem, quando, muitas vezes, uma única palavra equívoca, um só pensamento contraditório é suficiente para fazer descobrir o embuste a quem se der ao trabalho de refletir. Como exemplos notáveis em seu apoio, concitamos nossos leitores a se reportarem aos artigos publicados na *Revista Espírita* referentes aos meses de julho e outubro de 1858.

Confissão de Voltaire

A propósito da entrevista de Voltaire e Frederico, publicada no último número da Revista, um de nossos correspondentes de Boulogne nos envia a seguinte comunicação, que inserimos com a maior satisfação por apresentar um lado eminentemente instrutivo do ponto de vista espírita. Nosso correspondente a fez preceder de algumas reflexões que os nossos leitores nos agradecerão por não omiti-las.

“Se existe um homem, mais do que qualquer outro, que deve sofrer castigos eternos, esse homem é Voltaire. A cólera e a vingança de Deus haverão de perseguir-lo sempre. É o que nos dizem os teólogos da velha escola.

“Que dizem agora os mestres da teologia moderna? É possível – dizem eles – que desconheçais o homem, não menos que o Deus de que falais. Guardai-vos das paixões inferiores do ódio e da vingança e com elas não maculeis o vosso Deus. Se Deus se inquieta com esse pobre pecador, se toca nesse inseto, será para arrancar-lhe o ferrão, para fazer retornar até Ele uma cabeça exaltada, um coração transviado. Digamos, além disso, que Deus lê nos corações de modo diverso que vós, encontrando o bem onde não achais senão o mal. Se dotou esse homem de um grande gênio, foi em benefício da raça, e não para a sua desventura. Que importa, então, suas primeiras extravagâncias, suas atitudes de franco-atirador entre vós? Uma alma dessa têmpera não poderia proceder senão desse modo: a mediocridade era-lhe impossível, fosse no que fosse. Agora ele se orientou, viu-se livre das patas e dentes de potro indomável e vem a Deus como um dócil corcel, sempre grande e tão soberbo para o bem quanto o fora para o mal. No artigo seguinte veremos por que meios se operou essa transformação; veremos nosso garanhão dos desertos, a crina ainda alta, narinas ao vento, correndo através dos espaços universais. É que lá, com o pensamento solto, reencontrou essa liberdade que era a sua essência, sorvendo a plenos pulmões esse hálito gerador da vida. E o que lhe aconteceu? Perdeu-se, confundiu-se. O grande pregador do nada encontrou, finalmente, o nada, mas não como o compreendia. Humilhado, transtornado consigo mesmo, fulminado pela pequenez, ele, que se julgava tão grande, foi aniquilado diante de seu Deus. Ei-lo de rosto no chão; espera a sua sentença, que diz: “Levanta-te meu filho, ou vai-te, miserável!” Encontraremos o veredicto na comunicação que se segue.

“Esta confissão de Voltaire ganhará maior destaque na *Revista Espírita* ao no-lo mostrar em seu duplo aspecto. Vimos alguns Espíritos naturalistas e materialistas que, de cabeça virada tanto quanto seu mestre, embora sem o sentimento deste, persistiam em se vangloriar em seu cinismo. Que fiquem no seu inferno enquanto se derem ao prazer de afrontar o céu e

ridicularizar tudo o que constitui a felicidade do homem; isso é lógico, é o seu próprio lugar. Mas também achamos lógico que aqueles que reconhecem seus erros possam aproveitar-lhes os frutos. Assim, acreditamos não estar fazendo apologia ao velho Voltaire. Aceitamo-lo somente em seu novo papel e nos regozijamos com a sua conversão, que glorifica a Deus e não pode deixar de impressionar profundamente aqueles que ainda hoje se deixam arrebatar pelos seus escritos. Lá está o veneno, aqui está o antídoto.

“Esta comunicação, traduzida do inglês, é extraída da obra do juiz Edmonds, publicada nos Estados Unidos. Tem a forma de uma conversa entre Voltaire e Wolsey, o célebre cardeal inglês do tempo de Henrique VIII. Dois médiuns atuaram separadamente para a transmissão desse diálogo.”

Voltaire – Que imensa revolução ocorreu no pensamento humano desde que deixei a Terra!

Wolsey – Com efeito, essa infidelidade de que então vos censuravam, cresceu desmesuradamente desde aquela época. Não que ela tenha hoje tantas pretensões, mas é mais profunda e mais universal e, a menos que consigam detê-la, ameaça tragar a Humanidade no materialismo, mais do que o fez durante séculos.

Voltaire – Infidelidade em que e em relação a quem? Pertence à lei de Deus e do homem? Pretendeis acusar-me de infidelidade porque não me submeti aos acanhados preconceitos das seitas que me cercavam? É que a minha alma demandava uma amplidão de pensamento, um raio de luz, além das doutrinas humanas. Sim, minha alma entenebrecida tinha sede de luz.

Wolsey – Eu também não queria falar senão da infidelidade que vos era *atribuída*, mas, infelizmente, não sabeis o quanto essa imputação ainda vos pesa. Eu não queria vos censurar, mas manifestar o meu pesar, porquanto vosso desprezo pelas

doutrinas correntes, que eram apenas materiais e inventadas pelos homens, não poderia prejudicar um Espírito semelhante ao vosso. Mas essa mesma causa que agia sobre o vosso Espírito operava igualmente sobre outros, por demais fracos e pequenos para chegarem aos mesmos resultados que vós. Eis, pois, como aquilo que em vós não era senão uma negação dos dogmas dos homens se traduzia nos outros pela negação de Deus. Foi dessa fonte que se espalhou com terrível rapidez a dúvida sobre o futuro do homem. Eis também por que o homem, limitando todas as suas aspirações somente a este mundo, caiu cada vez mais no egoísmo e no ódio ao próximo. É a causa, sim, a causa desse estado de coisas que importa ser procurada, porquanto uma vez achada, o remédio será relativamente fácil. Dizei-me, conheceis essa causa?

Voltaire – Minhas opiniões, tais quais foram dadas ao mundo, estavam impregnadas de um sentimento de amargura e de sátira. Mas notai bem que então eu tinha o Espírito assediado, por assim dizer, por uma luta interior. Considerava a Humanidade como se me fosse inferior em inteligência e em sagacidade; nela somente via marionetes, que podiam ser conduzidos por qualquer homem dotado de vontade forte, e me indignava de ver essa Humanidade, arrogando-se uma existência imortal, ser modelada por elementos ignóbeis. Seria possível crer que um ser dessa espécie fizesse parte da Divindade e pudesse, com suas frágeis mãos, apoderar-se da imortalidade? Esta lacuna entre duas existências tão desproporcionadas me chocava e eu não a podia preencher. No homem eu via apenas o animal, e não Deus.

Reconheço, em alguns casos, que minhas opiniões tiveram deploráveis desdobramentos, mas estou convencido de que, sob outros aspectos, apresentaram o seu lado bom. Conseguiram soerguer várias almas que se haviam degradado na escravidão; quebraram as cadeias do pensamento e deram asas às grandes aspirações. Mas, lamentavelmente, também eu, que planava tão alto, me perdi como os outros.

Se em mim a parte espiritual tivesse se desenvolvido tão bem quanto a parte material, teria podido raciocinar com mais discernimento. Entretanto, confundindo-as, perdi de vista esta imortalidade da alma, que tanto procurava e não pedia senão para encontrar. Assim, tão entusiasmado me achava nessa luta com o mundo que cheguei, quase contra a minha vontade, a negar a existência de um futuro. A oposição que fazia às tolas opiniões e à cega credulidade dos homens impelia-me ao mesmo tempo a negar e a opor-me a todo o bem que a religião cristã pudesse fazer. Todavia, por mais descrente que eu fosse, sentia que era superior aos meus adversários; sim, muito além do alcance de sua inteligência. A bela face da Natureza revelava-me o Universo e me inspirava o sentimento de uma vaga veneração, mesclada ao desejo de uma liberdade sem limites, sentimento que eles jamais experimentavam, por se encontrarem agachados nas trevas da escravidão.

Tiveram, pois, minhas obras o seu lado bom, porque sem elas o mal que tivesse atingido a Humanidade, por falta de qualquer oposição, teria sido pior. Muitos homens não aceitavam mais a escravidão; muitos dentre eles se libertaram e, se aquilo que eu pregava lhes deu um único pensamento elevado ou lhes fez dar um único passo no caminho da Ciência, não seria abrir-lhes os olhos para a sua verdadeira condição? Só lamento ter vivido tanto tempo na Terra sem saber o que teria podido ser e o que teria podido fazer. O que não teria feito se tivesse sido abençoado por essas luzes do Espiritismo que hoje se derramam sobre os Espíritos dos homens!

Descrente e vacilante entrei no mundo espírita. Por si só minha presença era suficiente para banir qualquer clarão de luz que pudesse iluminar a minha alma obscurecida; apenas a parte material de meu corpo se havia desenvolvido na Terra; quanto à parte espiritual, havia-se perdido em meio aos meus descaminhos, na busca da luz, tal como se houvera sido encerrada numa jaula de

ferro. Altivo e zombeteiro, ali me iniciava, não conhecendo nem procurando conhecer esse futuro que em vida tanto havia combatido. Mas façamos aqui esta confissão: houve sempre em minha alma uma débil voz que se fazia ouvir através dos grilhões materiais e que pedia luz. Era uma luta incessante entre o desejo de saber e uma obstinação em não saber. Assim, pois, minha entrada estava longe de ser agradável. Não acabava eu de descobrir a falsidade, o nada das opiniões que havia sustentado com todas as forças de minhas faculdades? Depois de tudo, o homem se reconhecia imortal, e eu não podia deixar de ver que, igualmente, deveria existir um Deus, um Espírito imortal, que estava à frente e que governava esse espaço ilimitado que me cercava.

Como viajava incessantemente, sem me conceder nenhum repouso, a fim de me convencer de que o mundo em que me encontrava bem podia ser um mundo material, minha alma lutou contra a verdade que me esmagava! Não pude realizar-me como Espírito que acabava de deixar o seu domicílio mortal! Não houve ninguém com quem pudesse estabelecer relações, porque a todos eu havia recusado a imortalidade. Para mim não existia repouso: estava sempre errante e desconfiado. Em mim o Espírito, tenebroso e amargo, comportava-se como um maníaco, incapaz de ser detido ou de perseguir um objetivo.

Como já disse, eu debochava de tudo, e foi lançando um desafio que abordei o mundo espírita. Inicialmente fui levado para longe das moradas dos Espíritos e percorri o espaço incomensurável. Em seguida foi-me permitido lançar os olhos sobre as maravilhosas construções que serviam de habitação aos Espíritos e, com efeito, pareceram-me surpreendentes. Fui empurrado, aqui e ali, por uma força irresistível; era obrigado a ver, até que minha alma fosse saciada pelos esplendores e esmagada ante o poder que controlava tais maravilhas. Finalmente, vi-me obrigado a esconder-me e a refugiar-me nas concavidades das rochas, mas não o conseguia.

Foi nesse momento que o meu coração começou a sentir a necessidade de expandir-se; uma associação qualquer se tornava urgente, porque me sentia queimar pelo desejo de confessar o quanto tinha sido induzido em erro, não pelos outros, mas por meus próprios sonhos. Já não me restavam ilusões sobre a minha importância pessoal, porque percebia a minha insignificância neste grande mundo dos Espíritos. Enfim, de tal forma me deixara cair na lassidão e na humilhação, que me foi permitido reunir-me a alguns habitantes. Só então pude contemplar a posição em que me havia colocado na Terra e o que disso resultava no mundo espírita. Julgai se esta apreciação poderia favorecer-me.

Uma revolução completa, uma transformação de alto a baixo ocorreu na minha organização espírita e, de mestre que era, tornei-me o mais ardente dos discípulos. Quantos progressos realizei com a expansão intelectual que em mim se encontrava! Minha alma se sentia iluminada e aquecida pelo amor divino; suas aspirações à imortalidade, de reprimidas que eram, tomaram gigantesco impulso. Via quão grandes tinham sido os meus erros e quão grande devia ser a reparação para expiar tudo quanto havia feito ou dito, que tivesse podido seduzir e enganar a Humanidade. Como são magníficas essas lições da sabedoria e da beleza celestes! Ultrapassam tudo aquilo que na Terra teria podido imaginar.

Em suma, vivi bastante para reconhecer, em minha existência terrestre, uma guerra implacável entre o mundo e a minha natureza espiritual. Lamentei profundamente as opiniões que emiti e que desviaram muita gente; mas, ao mesmo tempo, é penetrado de gratidão ao Criador, o infinitamente sábio, que sinto ter sido um dos instrumentos de que se serviram os Espíritos dos homens para impulsionar o seu progresso.

Observação – Não adicionaremos nenhum comentário a esta comunicação, cuja profundidade e elevado alcance todos

apreciarão, e na qual se encontra toda a superioridade do gênio. Um quadro tão grandioso e impressionante do mundo espírita, assim como a influência das idéias terrenas sobre as idéias de além-túmulo, talvez jamais tenha sido dado. Na conversa que publicamos em nosso número anterior encontra-se a mesma essência de idéias, embora menos desenvolvidas e, sobretudo, expressas menos poeticamente. Aqueles que apenas se ligam à forma sem dúvida dirão que não reconhecem o mesmo Espírito nessas duas comunicações e que principalmente a última não lhes parece à altura de Voltaire, concluindo que uma delas não é dele.

Certamente, quando o chamamos, ele não nos trouxe sua certidão de nascimento; entretanto, quem quer que veja menos superficialmente ficará surpreendido pela identidade de pontos de vista e de princípios existentes entre essas duas comunicações, obtidas em épocas diversas, a uma enorme distância e em línguas diferentes. Se o estilo não é o mesmo, não há contradição de pensamento, e isso é o essencial. Mas se foi o mesmo Espírito que falou nas duas comunicações, por que é tão explícito e tão poético em uma delas, enquanto é lacônico e vulgar na outra? É preciso não ter estudado os fenômenos espíritas para não o compreender. Isso resulta da mesma causa que leva o mesmo Espírito a dar encantadoras poesias por um médium e não poder ditar um único verso por outro. Conhecemos médiuns que absolutamente não são poetas e que obtêm versos admiráveis, assim como há outros que jamais aprenderam a desenhar mas desenharam coisas maravilhosas. É necessário, pois, reconhecer, abstração feita das qualidades intelectuais, que entre os médiuns há aptidões especiais que os tornam, para certos Espíritos, instrumentos mais ou menos flexíveis, mais ou menos cômodos. Dizemos para certos Espíritos porque também os Espíritos têm a sua preferência, fundada em razões que nem sempre conhecemos. Desse modo, o mesmo Espírito será mais ou menos explícito, conforme o médium que lhe sirva de intérprete e, sobretudo, conforme o hábito que tenha de servir-se dele. Por outro lado, um Espírito que se comunica

frequentemente pela mesma pessoa o faz com mais facilidade do que outro que venha pela primeira vez. A emissão do pensamento pode, pois, ser entravada por uma multidão de causas; quando, porém, se trata do mesmo Espírito, o fundo do pensamento é o mesmo, embora a forma seja diferente, o que faz com que um observador atento o reconheça facilmente, mediante certos traços característicos. A propósito, relataremos o seguinte fato:

O Espírito de um soberano, que no mundo representou um papel preponderante, foi evocado em uma de nossas reuniões, manifestando-se inicialmente por um ato de cólera, ao rasgar o papel e quebrar o lápis. Sua linguagem estava longe de ser benevolente, porque se sentia humilhado de comparecer entre nós, perguntando se julgávamos que devesse rebaixar-se para nos responder. Confessava, entretanto, que, se o fazia, era como que constrangido e obrigado por uma força superior à sua, mas se isso dependesse dele jamais o faria.

Um dos nossos correspondentes da África, que não tinha nenhum conhecimento do fato, escreveu-nos que, numa reunião de que participara, quiseram evocar o mesmo Espírito. Sua linguagem foi idêntica em todos os pontos. Disse ele: “Acreditais que eu viria voluntariamente a esta casa de mercadores, onde talvez um dos meus criados não quisesse morar? Não vos respondo; isto me lembra meu reino, onde eu era tão feliz; tinha autoridade sobre todo o meu povo, e agora é preciso que me submetam.” O Espírito de uma rainha, que em vida não se distinguira pela bondade, respondeu no mesmo centro: “Não me interroguéis mais; aborreceis-me; se ainda tivesse o poder que detinha na Terra, eu vos faria arrepender bastante; agora, porém, zombais de mim e da minha miséria, pois já não tenho nenhum poder sobre vós. Sou muito infeliz.” Não estará aqui um curioso estudo dos costumes espíritos?

Conversas Familiares de Além-Túmulo

UM OFICIAL DO EXÉRCITO DA ITÁLIA

SEGUNDA ENTREVISTA – Sociedade, 1º de julho de 1859

[Vide o número de julho]

1. *Evocação*

Resp. – Eis-me aqui. Falai.

2. Prometestes voltar a ver-nos e aproveitamos o ensejo para vos pedir algumas explicações complementares.

Resp. – De bom grado.

3. Depois da vossa morte chegastes a assistir a alguns combates?

Resp. – Sim, ao último.

4. Quando, como Espírito, testemunhais um combate e vedes os homens se matarem mutuamente, experimentais algum sentimento de horror, da mesma forma que também o experimentaríamos se presenciássemos cenas semelhantes?

Resp. – Sim; mesmo como homem eu já o experimentava. Entretanto, o respeito humano reprimia esse sentimento como indigno de um soldado.

5. Há Espíritos que sentem prazer vendo essas cenas de carnificina?

Resp. – Poucos.

6. Que sentimento experimentam, a essa visão, os Espíritos de ordem superior?

Resp. – Grande compaixão; quase desprezo. Aquilo que vós mesmos experimentais quando vedes os animais se dilacerarem entre si.

7. Assistindo a um combate e vendo homens morrer, testemunhais a separação entre a alma e o corpo?

Resp. – Sim.

8. Nesse momento vedes dois indivíduos: o Espírito e o corpo?

Resp. – Não; que é então o corpo?

– Mas nem por isso o corpo deixa de estar lá; não deve ser distinto do Espírito?

Resp. – Um cadáver, sim; mas não é mais um ser.

9. Qual a aparência que então assume o Espírito?

Resp. – Leve.

10. O Espírito afasta-se imediatamente do corpo? Dignai-vos descrever tão explicitamente quanto possível como as coisas se passam e como as veríamos, caso fôssemos testemunhas.

Resp. – Há poucas mortes realmente instantâneas. O Espírito, cujo corpo foi atingido por uma bala, a maior parte do tempo argumenta consigo mesmo: “Vou morrer, pensemos em Deus e no Céu. Adeus, Terra que eu amava.” Depois desse primeiro sentimento a dor o arranca do corpo e só então podemos distinguir o Espírito, *que se move* ao lado do cadáver. Isso parece tão natural que a visão do corpo morto não produz nenhum efeito desagradável. Tendo sido toda a vida transportada para o Espírito, apenas este chama a atenção; é com o Espírito que conversamos ou é a ele que damos ordens.

Observação – Poderíamos comparar esse efeito ao produzido por um grupo de banhistas; o espectador não presta nenhuma atenção às roupas deixadas à margem.

11. Surpreendido por uma morte violenta, geralmente por algum tempo o homem não se julga morto. Como se explica a sua situação, e como pode ter ele ilusões, já que deve sentir perfeitamente que seu corpo não é mais material e resistente?

Resp. – Ele o sabe; não há ilusão.

Observação – Isto não é perfeitamente exato. Sabemos que em certos casos os Espíritos se iludem, julgando não estar mortos.

12. Uma tempestade violenta desabou no fim da batalha de Solferino. Foi por uma circunstância fortuita ou por um desígnio providencial?

Resp. – Toda circunstância fortuita resulta da vontade de Deus.

13. Essa tempestade tinha um objetivo? Qual seria?

Resp. – Sim, por certo: fazer cessar o combate.

14. Foi provocado no interesse de uma das partes beligerantes? Qual?

Resp. – Sim; sobretudo para os nossos inimigos.

– Por que isso? Poderíeis explicar mais claramente?

Resp. – Perguntais-me por quê? Acaso ignorais que, sem essa tempestade, nossa artilharia não teria deixado escapar um só austríaco?

15. Se tal tempestade foi provocada, deve ter tido agentes. Quais eram esses agentes?

Resp. – A eletricidade.

16. É o agente material. Mas haverá Espíritos que tenham por tarefa conduzir os elementos?

Resp. – Não; a vontade de Deus é suficiente. Ele não necessita de ajudantes tão elementares.

(Ver mais adiante o artigo sobre as tempestades)

O GENERAL HOCHÉ

(Sociedade – 22 de julho de 1859)

1. *Evocação*

Resp. – Estou convosco.

2. A Sra. J... nos disse que vos tínheis comunicado espontaneamente com ela. Com que intenção o fizestes, desde que ela não vos havia chamado?

Resp. – É ela quem me traz aqui; eu desejava ser chamado por vós e sabia que, dirigindo-me à sua casa, seríeis informado e provavelmente me evocaríeis.

3. Dissestes a ela que estáveis acompanhando as operações militares da Itália; isso nos parece natural. Poderíeis dizer-nos o que pensais a respeito?

Resp. – Elas produziram grandes resultados. No meu tempo combatíamos mais longamente.

4. Assistindo a essa guerra, nela desempenhais algum papel ativo?

Resp. – Não; simples espectador.

5. Como vós, outros generais do vosso tempo lá estiveram convosco?

Resp. – Sim, bem o podeis imaginar.

6. Poderíeis designar alguns?

Resp. – Seria inútil.

7. Dizem que Napoleão I achava-se presente, no que não temos dificuldade em acreditar. À época das primeiras guerras da Itália ele era apenas general. Poderíeis dizer-nos se nesta ele via as coisas do ponto de vista do general ou do imperador?

Resp. – De ambos, e ainda de um terceiro: do de diplomata.

8. Quando vivíeis, vossa posição hierárquica como militar era mais ou menos igual à dele. Como ele ascendeu bastante depois de vossa morte, poderíeis dizer-nos, como Espírito, se o considerais vosso superior?

Resp. – Aqui reina a igualdade. O que perguntais com isso?

Observação – Por igualdade sem dúvida ele entende que os Espíritos não levam em conta as distinções terrenas, com as

quais de fato pouco se preocupam e que não têm nenhum peso entre eles. A igualdade moral, porém, está longe de reinar; entre eles há uma hierarquia e uma subordinação baseadas nas qualidades adquiridas, e ninguém pode subtrair-se ao ascendente daqueles que são mais elevados e mais puros.

9. Acompanhando as peripécias da guerra, prevíeis a paz assim tão próxima?

Resp. – Sim.

10. Para vós tratava-se de uma simples previsão ou tínheis um conhecimento prévio seguro?

Resp. – Não. Haviam me dito.

11. Sois sensível à recordação que guardamos de vós?

Resp. – Sim, mas pouco fiz por merecê-la.

12. Vossa viúva acaba de morrer. Vós vos reunistes a ela imediatamente?

Resp. – Eu a esperava. Hoje vou deixá-la: a existência me chama.

13. Será na Terra que deveis ter uma nova existência?

Resp. – Não.

14. O mundo para o qual deveis ir é-nos conhecido?

Resp. – Sim; Mercúrio.

15. Do ponto de vista moral, esse mundo é superior ou inferior à Terra?

Resp. – Inferior. Eu o elevarei. Contribuirei para fazê-lo entrar numa nova posição.

16. Atualmente conheceis o mundo para onde deveis ir?

Resp. – Sim, muito bem. Talvez melhor do que o conhecerei quando o habitar.

Observação – Esta resposta é perfeitamente lógica. Como Espírito ele vê esse mundo em seu conjunto; quando nele estiver encarnado não o verá senão do ponto de vista restrito da sua personalidade e da posição social que ocupar.

17. Do ponto de vista físico, os habitantes desse mundo são tão materiais quanto os da Terra?

Resp. – Sim, completamente; mais ainda.

18. Fostes vós que escolhestes esse mundo para vossa nova existência?

Resp. – Não, não. Eu teria preferido uma terra calma e feliz. Lá encontrarei torrentes de mal a combater e furores de crime a punir.

Observação – Quando nossos missionários cristãos vão aos povos bárbaros para tentar fazer que neles penetrem os germes da civilização, não cumprem uma função análoga? Por que, então, nos admirarmos de que um Espírito elevado vá a um mundo atrasado com vistas a fazê-lo avançar?

19. Essa existência vos é imposta por constrangimento?

Resp. – Não; comprometi-me com ela. Fizeram-me compreender que o destino, a Providência, se assim quiserdes, ali me chamava. É como a morte antes de subir ao céu: é preciso sofrer e, infelizmente, não sofri bastante.

20. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Sim, sem dificuldades.

21. Quais foram as vossas ocupações como Espírito, desde o momento em que deixastes a Terra?

Resp. – Visitei o mundo, a Terra inteiramente. Isso demandou um período de alguns anos. Aprendi as leis que Deus emprega para conduzir todos os fenômenos que concorrem para a vida. Depois, fiz o mesmo em várias esferas.

22. Nós vos agradecemos por terdes atendido ao nosso apelo.

Resp. – Adeus. Não mais me vereis.

MORTE DE UM ESPÍRITA

(Sociedade – 8 de julho de 1859)

M. J..., negociante do departamento do Sarthe, morto no dia 15 de junho de 1859, era, sob todos os aspectos, um homem de bem e de uma caridade sem limites. Tinha feito um estudo sério do Espiritismo, do qual era fervoroso adepto. Como assinante da *Revista Espírita*, encontrava-se em contato indireto conosco, sem que nos tivéssemos visto. Evocando-o, tivemos como objetivo não apenas atender ao desejo de seus parentes e amigos, mas testemunhar-lhe pessoalmente a nossa simpatia e agradecer-lhe as gentilezas que de nós houve por bem dizer e pensar. Além disso, para nós era motivo de estudo interessante, do ponto de vista da influência que o conhecimento aprofundado do Espiritismo pode ter sobre o estado da alma após a morte.

1. *Evocação*

Resp. – Estou aqui há muito tempo.

2. Jamais tive o prazer de vos ver. Contudo, reconheceis-me?

Resp. – Reconheço-vos tanto melhor quanto freqüentemente vos visitei e tive mais de uma conversa convosco, como Espírito, durante minha vida.

Observação – Isto confirma o fato muito importante, do qual tivemos numerosos exemplos, das comunicações que os homens têm entre si, mau grado seu, durante a vida. Assim, durante o sono do corpo, os Espíritos viajam e se visitam reciprocamente. Ao despertar conservam intuição das idéias que brotaram nessas conversas ocultas, mas cuja fonte ignoram. De certa maneira,

durante a vida temos uma dupla existência: a corporal, que nos dá a vida de relação exterior, e a espírita, que nos dá a vida de relação oculta.

3. Sois mais feliz do que na Terra?

Resp. – E sois vós que perguntais?

4. Eu o concebo. Entretanto, desfrutáveis de uma fortuna honradamente adquirida, que vos proporcionava os prazeres da vida. Tínheis a estima e a consideração obtidos pela vossa bondade e pela vossa benevolência. Poderíeis dizer-nos em que consiste a superioridade de vossa felicidade atual?

Resp. – Consiste naturalmente na satisfação que me proporciona a lembrança do pouco bem que fiz e na certeza do futuro que ele me promete. E contaís por nada a ausência de inquietudes e os aborrecimentos da vida? Os sofrimentos corporais e todos os tormentos que criamos para satisfazer às necessidades do corpo? Durante a vida, a agitação, a ansiedade, as angústias incessantes, mesmo em meio à fortuna; aqui, a tranqüilidade e o repouso: é a bonança após a tempestade.

5. Seis semanas antes de morrer afirmáveis ter ainda cinco anos de vida. De onde vinha essa ilusão, enquanto tantas pessoas presentem a morte próxima?

Resp. – Um Espírito benévolo queria afastar da minha mente esse momento que, embora sem o confessar, por fraqueza eu o temia, não obstante o que já sabia sobre o futuro do Espírito.

6. Havíeis vos aprofundado seriamente na ciência espírita. Poderíeis dizer-nos, se, ao entrar no mundo dos Espíritos, encontrastes as coisas tais como se vos afiguravam?

Resp. – Aproximadamente a mesma coisa, exceto algumas questões de detalhe, que eu havia compreendido mal.

7. A leitura atenta que fazíeis da *Revista Espírita* e de *O Livro dos Espíritos* vos auxiliaram muito nisso?

Resp. – Incontestavelmente. Foi, sobretudo, o que preparou a minha entrada na verdadeira vida.

8. Experimentastes um sobressalto qualquer quando vos encontrastes no mundo dos Espíritos?

Resp. – Impossível que não fosse de outro modo; mas sobressalto não é bem o termo: admiração, de preferência. É tão difícil fazer uma idéia do que possa ser isso!

Observação – Aquele que, antes de ir habitar um país, o estudou nos livros, identificou-se com os costumes de seus habitantes, sua configuração, seu aspecto, por meio de desenhos, de plantas e de descrições, sem dúvida fica menos surpreendido do que aquele que não possui nenhuma idéia. Entretanto, mostra-lhe a realidade uma porção de detalhes que ele não tinha previsto e que o impressionam. Deve dar-se o mesmo no mundo dos Espíritos, cujas maravilhas não podemos compreender, porquanto há coisas que ultrapassam o nosso entendimento.

10. Deixando o corpo, vistes e reconhecestes imediatamente os Espíritos que vos cercavam?

Resp. – Sim, e Espíritos queridos.²²

11. Que pensais agora do futuro do Espiritismo?

Resp. – Um futuro ainda mais belo do que imaginais, malgrado vossa fé e vosso desejo.

12. Vossos conhecimentos no tocante aos assuntos espíritas sem dúvida vos permitirão responder com precisão a algumas perguntas. Poderíeis descrever claramente o que se passou convosco no instante em que vosso corpo deu o último suspiro e o vosso Espírito se achou livre?

Resp. – Pessoalmente acho muito difícil encontrar um meio de vos fazer compreender de outra maneira o que já foi feito, comparando a sensação que experimentamos ao despertar de um

22 N. do T.: No original a questão nº 9 foi saltada.

sono profundo. Esse despertar é mais ou menos lento e difícil, em razão direta da situação moral do Espírito, e nunca deixa de ser fortemente influenciado pelas circunstâncias que acompanham a morte.

Observação – Isto concorda com todas as observações que foram feitas sobre o estado do Espírito no momento de separar-se do corpo. Vimos sempre as circunstâncias *morais e materiais* que acompanham a morte reagirem poderosamente sobre o estado do Espírito nos primeiros momentos.

13. Vosso Espírito conservou a consciência de sua existência até o último momento e a recobrou imediatamente? Houve um instante de falta de lucidez? Qual foi a sua duração?

Resp. – Houve um instante de perturbação, mas quase inapreciável para mim.

14. O momento de despertar teve algo de penoso?

Resp. – Não; pelo contrário. Sentia-me alegre e disposto, se assim posso falar, como se tivesse respirado um ar puro ao sair de uma sala enfumaçada.

Observação – Comparação engenhosa e que não pode ser senão a expressão da verdade.

15. Lembrai-vos da existência que tivestes antes da que acabais de deixar? Qual foi ela?

Resp. – Melhor não poderia lembrar. Eu era um bom criado junto de um bom senhor, que me recebeu ao mesmo tempo em companhia de outros, à minha entrada neste mundo bem-aventurado.

16. Creio que vosso irmão se ocupa menos das questões espíritas do que vos ocupáveis.

Resp. – Sim; farei com que ele tome mais interesse, se isso me for permitido. Se ele soubesse o que ganhamos com isso, dar-lhes-ia mais importância.

17. Vosso irmão encarregou o Sr. B... de me comunicar a vossa morte. Ambos esperam, impacientes, o resultado de nossa conversa; mas serão ainda mais sensíveis a uma lembrança direta de vossa parte se quiserdes incumbir-me de dizer-lhes algumas palavras, para eles e para outras pessoas que vos pranteiam.

Resp. – Direi a eles, por vosso intermédio, o que eu mesmo lhes teria dito, mas receio muito não ter mais influência junto a alguns deles, como outrora. No entanto eu os conjuro, no meu e no nome de seus amigos, que vejo, a refletirem e estudarem seriamente esta grave questão do Espiritismo, ainda que fosse pelo auxílio que ela traz para passar esse momento tão temido pela maior parte, e tão pouco assustador para aquele que se preparou previamente pelo estudo do futuro e pela prática do bem. Dizei-lhes que estou sempre com eles, em meio a eles, que os vejo e que serei feliz se suas disposições puderem assegurar-lhes, no mundo em que me encontro, um lugar de que só terão de se felicitar. Dizei-o sobretudo ao meu irmão, cuja felicidade é o meu mais caro desejo, do qual não me esqueço, embora eu seja mais feliz.

18. A simpatia que tivestes a bondade de me testemunhar em vida, mesmo sem jamais ter-me visto, faz-me esperar que nos encontremos facilmente quando eu estiver entre vós. E até lá serei feliz se vos dignardes assistir-me nos trabalhos que me restam fazer para concluir a minha tarefa.

Resp. – Julgais-me com excessiva benevolência; no entanto, convencei-vos de que, se vos puder ser de alguma utilidade, não deixarei de o fazer, talvez mesmo sem que o suspeiteis.

19. Agradecemos por terdes atendido ao nosso apelo, e pelas instrutivas explicações que nos destes.

Resp. – À vossa disposição. Estarei muitas vezes convosco.

Observação – Incontestavelmente esta comunicação é uma das que descrevem a vida espírita com a maior clareza.

Oferece um poderoso ensino no que diz respeito à influência que as idéias espíritas exercem sobre a nossa situação depois da morte.

Esta conversa parece haver deixado algo a desejar ao amigo que nos participou a morte do Sr. J... “Este último – respondeu ele – não conservou na linguagem o cunho da originalidade que tinha conosco. Mantém uma reserva que não observava com ninguém; seu estilo, incorreto e vacilante, afetava inspiração. Entre nós ele ousava tudo; derrotava quem quer que formulasse uma objeção contra suas crenças. Reduzia-nos em pedaços para nos convencer. Em sua aparição psicológica não dá a conhecer nenhuma particularidade das numerosas relações que tinha com uma porção de pessoas que freqüentava. Todos nós gostaríamos de nos ver citados por ele, não para satisfazer a curiosidade, mas para nossa instrução. Gostaríamos que nos tivesse falado claramente de algumas idéias por nós emitidas em sua presença, em nossas conversas. A mim, pessoalmente, poderia ter dito se eu tinha ou não tinha razão de deter-me em tal ou qual consideração; se aquilo que eu lhe havia dito era verdadeiro ou falso. De modo algum nos falou de sua irmã, ainda viva e tão digna de interesse.”

De acordo com esta carta evocamos novamente o Sr. J..., dirigindo-lhe as seguintes perguntas:

20. Tomastes conhecimento da carta que recebi em resposta à que se referia à vossa evocação?

Resp. – Sim; vi quando a escreviam.

21. Teríeis a bondade de dar algumas explicações sobre certas passagens dessa carta e isso, como bem o compreendeis, com um fim instrutivo, unicamente para me fornecer elementos para uma resposta?

Resp. – Se o considerais útil, sim.

22. Acharam estranho que a vossa linguagem não tenha conservado o cunho da originalidade. Parece que em vida éreis severo na discussão.

Resp. – Sim, mas o Céu e a Terra são muito diferentes e aqui encontrei mestres. Que quereis? Eles me impacientavam com suas objeções extravagantes; eu lhes mostrava o Sol e não o queriam ver. Como manter o sangue-frio? Aqui não temos que discutir; todos nos entendemos.

23. Esses senhores admiram-se de que não os tenhais interpelado nominalmente para os refutar, como fazíeis em vida.

Resp. – Que se admirem! Eu os espero. Quando vierem juntar-se a mim, verão qual de nós estava com a razão. Será necessário que venham para cá, queiram ou não queiram, e uns mais cedo do que imaginam. Sua jactância cairá como a poeira abatida pela chuva; sua bazófia... (aqui o Espírito se detém e recusa concluir a frase).

24. Eles inferem que não lhes demonstrais todo o interesse que julgavam esperar de vós.

Resp. – Desejo-lhes o bem, mas nada posso fazer contra a vontade deles.

25. Surpreendem-se, igualmente, de que nada tenhais dito sobre vossa irmã.

Resp. – Acaso eles estão entre mim e ela?

26. O Sr. B... gostaria que tivésseis dito algo do que vos contou na intimidade; para ele e para os outros teria sido um meio de esclarecimento.

Resp. – De que serviria repetir o que ele já sabe? Pensa que não tenho outra coisa a fazer? Não dispõem dos mesmos meios de esclarecimento que tive? Que os aproveitem! Garanto-lhes que se sentirão bem. Quanto a mim, bendigo o céu por ter enviado a luz que me abriu o caminho da felicidade.

27. Mas é justamente essa luz que eles desejam e que ficariam felizes se a recebessem de vós.

Resp. – A luz brilha para todos; cego é aquele que não quer ver: cairá no precipício e amaldiçoará a sua cegueira.

28. Vossa linguagem me parece marcada por grande severidade.

Resp. – Eles não me acharam brando demais?

29. Nós vos agradecemos por terdes vindo e pelos esclarecimentos que nos destes.

Resp. – Sempre à vossa disposição, pois sei que é para o bem.

Tempestades – Papel dos Espíritos nos Fenômenos Naturais²³

(Sociedade, 22 de julho de 1859)

1. [A Fr. Arago] – Disseram-nos que a tempestade de Solferino tivera um objetivo providencial e nos assinalaram vários fatos desse gênero, especialmente em fevereiro e junho de 1848. Durante os combates tinham essas tempestades um fim análogo?

Resp. – Quase todas.

2. Interrogado a respeito, disse-nos o Espírito que em tal circunstância só Deus agia, sem intermediários. Permitti-nos algumas perguntas relativas ao assunto, que vos pedimos sejam resolvidas com a vossa clareza habitual. Concebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primeira, nisto como em tudo; porém, sabendo que os Espíritos exercem ação sobre a matéria e que são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exercerão certa influência sobre os elementos para os agitar, acalmar ou dirigir?

23 **N. do T.:** Vide *O Livro dos Espíritos* – Livro II – Capítulo IX – Questões 536 a 540.

Resp. – Mas evidentemente. Nem poderia ser de outro modo. Deus não exerce ação direta sobre a matéria. Ele encontra agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos. O Espírito evocado assim se expressou por ter um conhecimento menos perfeito dessas leis, assim como das leis da guerra.

Observação – A comunicação do oficial, acima referida, foi obtida no dia 1º de julho; esta o foi no dia 22, e *por um outro médium*. Nada na pergunta indica a qualidade do primeiro Espírito evocado, qualidade que lembra espontaneamente o Espírito que acaba de responder. Esta circunstância é característica e prova que o pensamento do médium em nada contribuiu para a resposta. É assim que, numa multidão de circunstâncias fortuitas, o Espírito tanto revela a sua identidade como a sua independência. Eis por que dizemos ser necessário ver muito e observar bastante. Só assim descobriremos uma porção de matizes que escapam ao observador superficial e apressado. Sabe-se que é preciso aproveitar os fatos quando eles se apresentam, e não os será provocando que os obteremos. O observador atento e paciente encontra sempre alguma coisa a respigar.

3. A mitologia se fundava inteiramente em idéias espíritas, com a única diferença de que consideravam os Espíritos como divindades. Representavam esses deuses, ou esses Espíritos com atribuições especiais. Assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir ao fenômeno da vegetação, etc. Semelhante crença é totalmente destituída de fundamento?

Resp. – É de tal modo destituída de fundamento que ainda está muito aquém da verdade.

4. No começo de nossas comunicações os Espíritos nos disseram coisas que parecem confirmar esse princípio. Falaram, por exemplo, que certos Espíritos habitam mais especialmente o interior da Terra e presidem aos fenômenos geológicos.

Resp. – Sim, e não tardareis muito a ter a explicação de tudo isso.

5. Os Espíritos que habitam o interior da Terra e presidem aos fenômenos geológicos são de uma ordem inferior?

Resp. – Tais Espíritos não habitam positivamente a Terra. Presidem aos fenômenos e os dirigem. São de uma ordem completamente diversa.

6. São Espíritos que se encarnaram em homens, como nós?

Resp. – Que o serão e que já foram. Dir-vos-ei mais a respeito, dentro de pouco tempo, se o quiserdes.

Intimidade de uma Família Espírita

A Sra. G... enviuvou há três anos, ficando com quatro crianças. O filho mais velho é um amável rapaz de dezessete anos, e a filha mais jovem uma encantadora menina de seis anos. Desde muito tempo essa família se dedica ao Espiritismo, e antes mesmo que essa crença se tivesse popularizado como hoje, o pai e a mãe tinham uma espécie de intuição, que diversas circunstâncias haviam desenvolvido. O pai do Sr. G... lhe tinha aparecido diversas vezes em sua juventude e a cada vez o prevenia de coisas importantes ou lhe dava conselhos úteis. Fatos do mesmo gênero igualmente se haviam passado entre seus amigos, de sorte que, para eles, a existência de além-túmulo não era objeto da mais leve dúvida, assim como não o era a possibilidade de nos comunicarmos com os seres que nos são caros. Ao surgir, o Espiritismo não foi senão a confirmação de uma idéia bem sedimentada e santificada pelo sentimento de uma religião esclarecida, pois aquela família é um modelo de piedade e de caridade evangélicas. Extraíram da nova ciência os meios mais diretos de comunicação; a mãe e um dos filhos tornaram-se excelentes médiuns. Entretanto, longe de

empregar essa faculdade em questões fúteis, todos a consideravam como um precioso dom da Providência, do qual era permitido servir-se somente para coisas sérias. Assim, jamais a praticam sem recolhimento e respeito, e longe do olhar dos importunos e curiosos.

Entrementes o pai adoeceu e, pressentindo o fim próximo, reuniu os filhos e disse-lhes: “Filhos queridos e esposa muito amada, Deus me chama para ele. Sinto que vos deixarei daqui a pouco; mas sinto que encontrareis em vossa fé na imortalidade a força necessária para suportar corajosamente esta separação, assim como levo o consolo de que poderei sempre estar entre vós e vos ajudar com os meus conselhos. Chamai-me, pois, quando eu não estiver mais na Terra; virei sentar-me ao vosso lado, conversar convosco, como fazem os nossos antepassados. Na verdade estaremos menos separados do que se eu partisse para um país longínquo. Minha adorada esposa, deixo-te uma grande tarefa; entretanto, quanto mais pesada for, mais gloriosa será. Estou certo de que nossos filhos te auxiliarão a suportá-la; não é, meus filhos? Secundai vossa mãe; evitai tudo quanto possa fazê-la sofrer; sede bons e benevolentes para com todos; estendei a mão aos vossos irmãos infelizes, porque não gostaríeis de estendê-la um dia, pedindo em vão para vós. Que a paz, a concórdia e a união reinem entre vós; que jamais o interesse vos separe, pois o interesse material é a maior barreira entre a Terra e o Céu. Pensai que estarei sempre junto a vós, que vos verei como vos vejo neste momento, e melhor ainda, pois verei o vosso pensamento. Não queirais, pois, entristecer-me depois da morte, assim como não o fizestes em minha vida.”²⁴

É um espetáculo verdadeiramente edificante presenciar a intimidade dessa piedosa família. Alimentadas nas idéias espíritas,

24 **N. do T.:** Utilizamos ora a segunda pessoa do singular, ora a segunda do plural, *como consta no original*, a fim de melhor focalizar a intimidade daquele momento tão significativo para um pai que se despedia da família.

essas crianças não se consideram absolutamente separadas do pai. Para elas, ele está presente e temem praticar a menor ação que o possa desagradar. Uma noite por semana, e às vezes mais, é consagrada para conversar com ele; há, porém, as necessidades da vida, que devem ser providas – a família não é rica – razão por que um dia fixo é marcado para essas conversas piedosas, dia sempre esperado com impaciência. Muitas vezes pergunta a pequenina: “É hoje que papai vem?” Esse dia é dedicado a conversas familiares, em instruções proporcionais à inteligência, por vezes infantis, de outras vezes graves e sublimes. São conselhos dados a propósito de pequenas travessuras que ele assinala. Se faz elogios, também não poupa a crítica e, nesse caso, o culpado baixa os olhos, como se o pai estivesse à sua frente; pede-lhe perdão, que não é concedido senão depois de várias semanas de provas: sua sentença é aguardada com fervorosa ansiedade. Então, que alegria quando o pai diz: “Estou contente contigo!” Dizer, no entanto: “Não virei na próxima semana” é a mais terrível ameaça.

A festa anual não é esquecida. É sempre um dia solene, para o qual convidam os antepassados já falecidos, sem esquecer um irmãozinho morto há alguns anos. Os retratos são ornados de flores, cada criança prepara um pequeno trabalho, até mesmo uma saudação tradicional. O mais velho faz uma dissertação sobre assunto grave; uma das mocinhas executa um trecho musical; a pequenina, finalmente, recita uma fábula. É o dia das grandes comunicações, e cada convidado recebe uma lembrança dos amigos que deixou na Terra.

Como são belas essas reuniões, na sua tocante simplicidade! Como tudo ali fala ao coração! Como podemos sair dali sem estar impregnado pelo amor do bem? Nenhum olhar de mofa, nenhum sorriso céptico vem perturbar o piedoso recolhimento; alguns amigos partilham das mesmas convicções e as pessoas devotadas à religião da família são as únicas admitidas a tomarem assento nesse banquete de sentimento. Ride quanto quiserdes, vós que zombais das coisas mais santas. Por mais

soberbos e endurecidos sejais, não vos faço a injúria de acreditar que o vosso orgulho possa ficar impassível e frio diante de um tal espetáculo.

Um dia, entretanto, foi de luto para a família, dia de verdadeiro pesar: o pai havia anunciado que durante algum tempo, muito tempo mesmo, não poderia vir; uma grande e importante missão o convocava longe da Terra. Nem por isso a festa anual deixou de ser celebrada; mas foi triste, pois lá ele não estava. Havia dito ao partir:

“Meus filhos: que em meu retorno eu os possa encontrar todos dignos de mim”, razão por que cada um se esforça por tornar-se digno dele. Eles ainda esperam.

Aforismos Espíritas e Pensamentos Avulsos

Quando evocamos um parente ou amigo, seja qual for a afeição que nos tenha conservado, não devemos esperar essas demonstrações de ternura que nos pareceriam naturais depois de uma dolorosa separação. Por ser calma, a afeição pode ser mais verdadeira que a que se traduz por grandes demonstrações exteriores. Os Espíritos pensam, mas não agem como os homens: dois Espíritos amigos se vêem, amam-se, sentem-se felizes por se aproximarem, mas não têm necessidade de se lançarem aos braços um do outro. Quando se comunicam conosco pela escrita, uma boa palavra lhes basta e lhes diz muito mais do que palavras enfáticas.

Allan Kardec